

Renda cresce 12% em anos de eleições

Mariana Carneiro
Rio de Janeiro

Os números comprovam o que a sabedoria popular demonstra desde a redemocratização do País, nos anos 80. As eleições provocam um aumento da renda e movimentam a economia até mais do que a Copa do Mundo. Segundo cálculos do economista Marcelo Néri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ), a renda cresceu 12% em média nos anos de eleições – avaliados os pleitos para os cargos de presidente e governador desde 1982. Mas o que parece uma benção, na verdade, é mais um feitiço. Se em um ano ganha-se muito, no seguinte, perde-se tudo. Nos anos pós-eleitorais, ainda de acordo com Néri, a renda cai em média 11,9%.



Marcelo Néri

Segundo Néri, esse efêmero crescimento se explica pela tradicional estratégia política de inflar a economia para conseguir um bom resultado no pleito, seguido de ações reestabilizadoras que contêm essa expansão.

“Eleição é estação etílica, época das boas notícias ilusórias; já no período posterior vem a conta da ressaca”, destaca Néri, ressaltando que esses ciclos de altas e baixas estão menos voláteis, na medida em que amadurece a democracia e a inflação sob controle retira das mãos dos políticos os caminhos da estabilização da economia.

A expansão durante o período eleitoral não chega a ser uma invenção brasileira e, de acordo com o levantamento do economista, pode ser observa-

da também nos países desenvolvidos, como os Estados Unidos. “A diferença é que, aqui, as bondades são mais explícitas” disse.

Uma das explicações apontadas por especialistas sobre a vantagem de Luiz Inácio Lula da Silva entre os eleitores da camada mais pobre da população – a expansão do Bolsa-família – rende menos votos do que imaginam os políticos.

Segundo Marcelo Néri, isso acontece porque a maioria dos beneficiados do programa de transferência de renda são crianças e adolescentes até 15 anos. Cerca de 30% da população brasileira e quase a metade dos miseráveis são crianças que, portanto, não votam. “Os pobres no Brasil são as crianças, talvez porque não façam parte do mercado do voto”, afirma Néri.